

O rádio na copa 2014: o desafio das surpresas de uma competição para jovens narradores de futebol. ¹

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Universidade Federal de Juiz de Fora²

Resumo

Trata esse trabalho de destacar a permanência da relevância da cobertura do rádio na transmissão da Copa do Mundo de 2014, baseada na experiência vivida por estudantes de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da UFJF. Sob minha orientação, 29 alunos cobriram todos os jogos da competição e, aqui, os narradores mostram como foi desafiador transmitir jogos de uma competição que se pautou por surpresas. Para eles, que tiveram a primeira experiência de narração, lidar com uma das principais características do rádio, o imprevisto diante do imprevisto, acabou sendo o desafio maior. O artigo trabalha com a permanente força da narrativa radiofônica, que também neste mundial de futebol, despertou a atenção de outros países pela forma como o brasileiro transmite o futebol;

Palavras-chave

Rádio – Transmissão – Futebol – Copa do Mundo 2014.

A força da narrativa radiofônica

O dia 7 de setembro de 1982 é considerado como inaugural para as transmissões radiofônicas no Brasil. Nesta data, aconteceram comemorações oficiais do centenário da proclamação da Independência, onde o discurso comemorativo do presidente Epitácio Pessoa foi transmitido para os visitantes da Exposição Internacional do Rio³.

As transmissões de futebol, entretanto, só começaram anos mais tarde. Segundo Guerra (2012), a história conta que as jornadas foram inauguradas nos anos 1930.

Foi na oitava edição do campeonato brasileiro de futebol, na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, que aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol da forma como se conhecemos hoje. Era o ano de 1931 e Nicolau Tauma, locutor da Rádio Educadora Paulista, recebeu a missão de transmitir o espetáculo que tanto interesse estava despertando nas pessoas. Era o rádio reconhecendo a importância e vendo ali uma possibilidade de ampliar seu campo de ação.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho contou com a colaboração dos alunos Rodolfo Lamas, Leandro Colares e Rafael Sarchis, que narraram pela Rádio Facom (UFJF) a Copa do Mundo de 2014.

³ Matéria do jornal Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/foalha/informatica/ult124u11128.shtml>> Acesso em: 18 de julho de 2014.

No entanto, há controvérsias em relação ao início das jornadas esportivas no rádio. Soares (1994) garante que há a afirmação, em depoimento de Leopoldo Sant’Anna ao jornal Correio Paulistano, em 1949, de que o primeiro jogo de futebol transmitido no rádio foi em 1924, entre as seleções de Rio e São Paulo.

O rádio confunde-se com o próprio futebol. Conforme Guerra (2012), a possibilidade de mexer com o imaginário do torcedor está diretamente relacionada às características do esporte, criando identificação imediata.

O efeito é direto na conduta do torcedor que, sabendo disso, fica ligado o tempo todo, na expectativa do lance seguinte. O fato de ser um esporte sem ter um resultado previsível é apontado como um dos fatores para que ele tenha caído no gosto popular. Não dá para garantir que um time vencerá, por maior que seja a diferença técnica entre ele e o adversário. Isso leva à emoção.” (GUERRA, 2012, p. 41)

Como trabalha com o imaginário dos ouvintes, o rádio tem o poder de manipular uma partida de futebol, de forma a torna-la mais emocionante. Sempre foi um recurso muito utilizado. “Na fala do narrador está a garantia de que o espetáculo é sempre bom e que tudo pode acontecer. [...] o locutor será melhor e mais prestigiado à medida que for capaz de transmitir, e mais, inventar o jogo.” (GUERRA, 2012, p. 42). O cenário começou a mudar um pouco a partir do advento da televisão.

Ribeiro (2007) relata que a primeira transmissão de futebol na televisão aconteceu em 15 de outubro de 1950. A partida era Palmeiras x São Paulo, disputada no Pacaembu. No entanto, poucas pessoas assistiram pelas telas, devido ao reduzido número de aparelhos receptores existentes.

As transmissões pela TV demoraram a engrenar. Segundo Guerra (2012), naturalmente houve uma dificuldade para que o veículo adquirisse uma linguagem atraente para as pessoas, acostumadas com o estilo do rádio.

As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio. Além disso, havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo. (GUERRA, 2012, p. 93)

Naturalmente, o fato de a televisão começar a transmitir os jogos de futebol acarretou em mudanças na narração radiofônica. A possibilidade de “inventar” lances passou a ficar mais limitada, em função da imagem passada ao telespectador. Guerra (2012)

afirma que os lances passaram a ser descritos de forma mais fiel ao que realmente acontece em campo.

Deste narrador se cobra um ritmo adequado, em preveleça o equilíbrio e o controle para não se exagerar, o que pode causar descrédito. Essa cobrança se acentuou a partir do momento em que a televisão começou a mostrar os jogos. Aquele lance descrito como quase gol e que passou longe não cabe mais. Se acreditarmos que ainda muitas pessoas optam por ver o jogo na TV ao som do rádio, o descuido com a precisão na descrição leva o desmentido pela imagem e a consequente perda de credibilidade. (GUERRA, 2012, p. 57)

Os mais saudosistas, entretanto, ainda sentem falta do antigo elemento imaginário do rádio. Nogueira (2005) é um exemplo.

Sempre achei que o futebol perdeu muito, em fantasia, depois que apareceu a televisão, aplacando no torcedor a capacidade de sonhar cada drible, cada passe, cada chute, cada gol. Graças a deus, o rádio me pegava pela mão e me transportava aos campos de futebol na minha utopia. Abençoado o rádio que me nutriu de tantos devaneios recolhidos nas tramas da grande área. (NOGUEIRA, 2005, p.10)

As transmissões esportivas no rádio brasileiro têm características peculiares. Uma delas é o grito de gol estendido, feito pelos narradores, a cada vez que a bola ultrapassa a linha que liga as duas traves e modifica o placar da partida. Nos primórdios, os locutores não utilizavam esse artifício.

Guerra (2012) conta que um locutor da antiga Rádio Difusora de São Paulo começou a “esticar” o grito de gol.

Rebello Júnior é o responsável pela criação do chamado “gol esticado”: goooooool. Por isso, passou a ser chamado de “o homem do gol inconfundível”, que acabou sendo reproduzida e que faz parte do estilo de boa parte dos narradores no rádio. (GUERRA, 2012, p. 33 e 34)

Recentemente, durante a Copa do Mundo 2014, realizada no Brasil, o tema foi destacado inclusive em matéria do jornal The New York Times. Santos (2014) conta que o Rebello Júnior estendeu sua chamada de "gol" no ar até quase perder fôlego, “legitimando a comemoração das torcidas nas arquibancadas e ampliando-a para o mundo. Foi tudo em um esforço de diferenciação: se todo mundo estava falando, por que não gritar?”, (SANTOS, 2014)⁴.

⁴ Matéria do jornal The New York Times. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/06/20/sports/worldcup/a-chorus-of-gooooool-the-siren-song-of-soccer.html?_r=1. Acesso em: 18 de julho de 2014

Assim como no futebol, onde o gol é o ápice da jornada, a narração radiofônica segue o mesmo padrão. Ao prolongar a palavra “gol”, os locutores esportivos criam uma espécie de marco divisório na transmissão.

Entre os locutores do Brasil, o grito de "goooooooool" é o ponto de exclamação que marca a passagem de uma história, a voz do locutor subindo e descendo de forma harmoniosa e contínua. Se fosse um desenho, seria parecido com um arco. Se fosse uma pessoa, seria o maior cara na sala. (SANTOS, 2014)

Embora tenha surgido no país, o grito de gol estendido não é exclusivo dos narradores brasileiros. Na América Latina, especialmente na Argentina, também é possível verificar tal prática. O artifício está presente também na Europa. Na Alemanha é substituído por "toooooooooor!".

Há também os narradores de rádio que se utilizam de alguma outra palavra para começar a narrar o “gol”. José Carlos Araújo, da Transamérica Rio, precede o gol por “entrou”. Edson Mauro, da Globo Rio, usa “bingo”. Mário Henrique, da Itatiaia, praticamente incorporou o uso do “caixa” na hora do gol ao seu próprio nome, tanto que é conhecido também por Mário Henrique Caixa.

Santos (2014) explica ainda que esse recurso é utilizado também para que os narradores tenham a oportunidade para encher os pulmões de ar. Assim, eles podem esticar ainda mais o grito de gol.

RÁDIO FACOM NA COPA DO MUNDO

A cobertura das copas do mundo na Faculdade de Comunicação começou a se realizar em 1998. De lá para cá, todos os mundiais foram transmitidos pelos alunos. A competição de 2014 reuniu 29 estudantes, sendo 28 homens e apenas uma mulher. O treinamento se iniciou em janeiro de 2014, com encontros semanais, com atividades de compartilhamento de informações históricas e atuais sobre as copas e transmissões esportivas e a parte prática. Neste segundo momento, os alunos foram incentivados a experimentar as diversas funções na equipe, para que pudessem se indentificar com a que mais lhes trazia conforto e segurança.

Depois de cinco meses de trabalho, foram escolhidos dois coordenadores entre eles, que discutiram com o professor orientador as escalas. Foram transmitidas todas as partidas e esse artigo buscou retratar a tarefa dos narradores, que viveram experiências marcantes na cobertura da Copa 2014.

TRÊS JOGOS, TRÊS EMOÇÕES – RODOLFO LAMAS

“As surpresas da Copa começaram antes mesmo da bola rolar. Quando entrei na faculdade de jornalismo da UFJF, meu desejo em ser um jornalista esportivo se fez mais forte. Fui apresentado por amigos à rádio universitária, a famosa Rádio Facom, onde aprendi coisas que nunca imaginei fazer, uma delas, por exemplo, narrar uma partida de futebol.

Há uma diferença muito grande de uma locução em TV, para uma de rádio. Na tela, o que prevalece é a conversa entre narrador e comentaristas. Já na “caixinha” as coisas são bem distintas. É exigida uma riqueza vocabular muito maior. O espaço precisa ser quase todo preenchido, sem que ocorram vazios na transmissão radiofônica. A interação com os repórteres é constante, pois o ouvinte precisa ficar por dentro de todos os detalhes da partida. O fôlego também é sem dúvida um importante fator. É preciso ter um preparo quase de atleta para agüentar esse ritmo tão frenético. Por esses e alguns outros motivos nunca me vi narrando uma partida pelo rádio.

Mas pouco antes do início do maior evento esportivo, a Copa do Mundo, no Brasil, encorajado por amigos, comecei a me dedicar a uma nova função, locutor de rádio. Sempre acompanhei grandes nomes da narração, como José Carlos Araújo, Luis Penido e Oscar Ulisses, mas não para tentar ser como eles um dia, apenas os tendo como excelentes exemplos de jornalistas qualificados, que tinham talento de sobra para o rádio.

O processo foi longo. Pensei em desistir algumas vezes, pois não me via capaz, mas alguns amigos me convenceram de que levava jeito para coisa. Pois bem, passados os testes, era chegada a hora de estréia em minha primeira cobertura de Copa do Mundo, e quem diria, logo como narrador de rádio. O duelo foi entre Camarões e México, a segunda partida do torneio. Comecei bem nervoso, mas ao longo do jogo fui me soltando, como os times em campo. Me lembro que soltei o grito de gol 4 vezes, ponto máximo para um narrador, mas apenas o de Oribe Peralta, em favor da equipe mexicana, foi validado. O que, por si só, não é muito comum na vida de um locutor esportivo. Após a vitória do México os jogadores se abraçaram meio que dizendo que o dever estava cumprido, essa era a mesma sensação que tive após o apito do juiz.

Alternando bons e maus momentos durante o torneio, tive um jogo que a principio me parecia mais uma pelada, um típico empate truncado: Suíça x Equador. Nem tudo que

parece é! Com tempos distintos, foi uma partida bastante movimentada. Domínio equatoriano na primeira etapa, resultando com uma vitória parcial por 1x0, gol de Enner Valencia. Mas o técnico da Suíça, Ottmar Hitzfeld, tratou de reverter essa parada e mandou a campo os homens certos. Com as mudanças sua equipe partiu para cima do Equador, acuado durante toda segunda parte. Mehmedi empatou e quando parecia não haver mais tempo, Seferovic botou a Suíça na frente, levantando todo estádio Mané Garrincha, em Brasília. Uma brilhante atuação da equipe europeia, com um valente Equador segurando o placar, mas que não contava com as estrelas de Ottmar e do atacante Seferovic. Essa sem dúvida foi minha narração mais segura de toda a Copa. Após o jogo, recebi diversos elogios, relacionados a emoção que transmiti e a tal segurança já mencionada. Não esperava, mas acho que fui contagiado pelo jogo, que foi fantástico.

Uma outra partida que também considerei muito marcante, foi a de Bélgica x EUA, pelas oitavas de final. De um lado os jovens belgas com potencial de surpreender o mundo, de outro, os norte americanos com um goleiro que vinha fazendo um grande Mundial, Tim Howard. Foi um jogo cansativo não só para os jogadores, que após os noventa minutos de 0x0, tiveram que jogar mais meia hora de prorrogação para o desempate, mas também para mim que tive que narrar essa partida eletrizante, recheada de lances agudos, principalmente por parte dos belgas, que não contavam com uma muralha americana do lado oposto, Howard. Foi um duelo marcado pela grande emoção. Depois de tanto martelar a Bélgica abriu dois gols de vantagem em plena prorrogação, ainda no primeiro tempo. Mas o que parecia uma vitória já decretada virou um jogo de bola, pois logo aos dois minutos de segunda etapa, os EUA diminuíram e se mandaram ao ataque. Estava esgotado, assim como os atletas em campo, mas não podia deixar transparecer e muito menos não transmitir tamanha emoção que acontecia naquele momento. Foi difícil, após o jogo fiquei sem voz, mas foi muito gratificante, pois dei o meu máximo na tentativa de levar ao ouvinte aquilo que eu via e sentia. Por fim, a Bélgica segurou o 2x1 e classificou-se para as quartas e eu me senti extremamente orgulhoso em ter feito aquela partida espetacular.

Essa Copa foi importante em muitos aspectos para diversas pessoas do mundo e para mim não foi diferente, pois nela pude perceber que nada é impossível, basta dedicação para alcançar seus objetivos. No futuro poderei dizer aos meus filhos ou netos que fiz parte da Copa das Copas e, nela aprendi a fazer e gostar ainda mais de uma nova função, a locução esportiva em rádio, quem sem dúvida não há melhor.”

A SUPRESA DE ESPANHA X HOLANDA- RAFAEL SARCHIS

“Cresci vendo e praticando esporte. Fui atleta de judô, chegando a conquistar o quinto lugar no campeonato brasileiro. Mas o que mais me chamava atenção e mexia comigo era a narração esportiva. Desde pequeno gostava de repetir o que eu escutava na televisão e no rádio, seja futebol, vôlei, natação, tênis, qualquer esporte. As vezes até abaixava o volume e eu mesmo narrava. Fazia isso com os jogos de vídeo-game. Essa sempre foi minha grande paixão e é o meu objetivo profissional, ser narrador esportivo.

Por isso escolhi cursar a faculdade de jornalismo. Entrei na primeira turma no ano de 2013 e nas primeiras semanas fui apresentado a rádio. Mas comecei a participar das transmissões apenas um período depois. Era a certeza de que o sonho estava começando a se realizar. Meu primeiro jogo foi Milan e Barcelona, um clássico muito importante do futebol mundial. Responsabilidade grande logo na estreia nos microfones. Depois disso vieram mais transmissões da Uefa Champions League, da Europa League, Campeonato Brasileiro, Campeonato Carioca, Copa do Brasil e a Copa do Mundo.

O objetivo de todos os profissionais é estar no topo de sua carreira. Para os jornalistas esportivos o topo é cobrir uma Copa do Mundo e as Olimpíadas. Nesse ano de 2014, foi a vez da Copa, e aqui no Brasil. Uma oportunidade única para quem cobre esportes. E esse é meu caso. Particpei da cobertura e das transmissões do mundial pela Rádio Facom. Narrei doze jogos pela rádio, incluindo um do Brasil, a goleada sobre Camarões por 4 a 1 e a semifinal do mundial, entre Holanda e Argentina, empate por 0 a 0 e classificação dos nossos vizinhos sul-americanos nos pênaltis. Fiz também quatro jogos da França e um emocionante jogo entre Uruguai e Inglaterra, jogo decisivo, com vitória celeste por 2 a 1, dois gols de Luiz Suárez.

Mas o jogo que mais me marcou nessa Copa do Mundo foi justamente o primeiro que eu fiz. Talvez o jogo mais esperado da primeira fase do mundial, o duelo entre Holanda e Espanha era cercado de muita expectativa. As duas seleções tinham decidido a última Copa, na África em 2010, vitória da Espanha por 1 a 0 na prorrogação, gol do Iniesta. Apesar de não valer o título, para a Holanda esse jogo tinha um sabor de revanche. A derrota no último mundial não estava esquecida. O confronto válido pelo grupo B da Copa do Mundo, era muito importante para a sequência da competição, já que o Chile também estava nesse grupo e era um forte candidato a atrapalhar as duas seleções a conseguirem classificação para a próxima fase.

Sexta-feira, 13 de junho de 2014, 16 horas. Arena Fonte Nova, Salvador, Bahia. Tudo pronto para o grande jogo da primeira fase da Copa do Mundo, logo no segundo dia de mundial, apenas o terceiro jogo da competição e logo a reedição da final do último torneio. Estava bastante ansioso, claro por conta desse jogo e também minha estreia na Copa do Mundo, o maior torneio de futebol. Durante o primeiro jogo do dia, México e Camarões, fiquei me preparando e estudando os nomes dos jogadores de Espanha e Holanda. Como na maioria das transmissões da Rádio Facom nesse mundial, abrimos a jornada meia hora antes do jogo. A expectativa e o frio na barriga só aumentavam.

Confesso que fiquei com medo de ser um jogo chato, por ser a estreia das duas seleções, elas estarem com receio de atacar e ficar um jogo muito estudado. Além da Espanha ter como costume ficar trocando passes no campo de defesa e intermediária, procurando espaço para achar o caminho do gol, esperava isso do jogo. Espanha querendo manter o título e a Holanda desacreditada, com dois jogadores importantes sofrendo lesão antes do mundial.

Chegou a hora, comecei a partida meio nervoso, primeiro jogo de Copa do Mundo e logo um grande clássico. A partida também começou nervosa, conforme eu estava esperando, muito respeito de ambos os lados e com a Espanha tendo mais posse de bola, trocando passes no campo de defesa. Até que um pouco depois da metade do primeiro tempo, uma bola bem enfiada para o Brasileiro naturalizado Espanhol, Diego Costa, resulta em um pênalti. Xabi Alonso bate bem e abre o placar, 1 a 0 Espanha.

Cheguei a comentar fora do ar, que a partir desse momento o jogo ficaria chato, com a Espanha trocando passes e a Holanda apenas observando e tentando algo em uma bola parada. Realmente esse foi o panorama, até que aos 45 minutos da primeira etapa, o lateral Blind acha um lançamento primoroso do meio de campo até a entrada da Área para Van Persie dar um mergulho e tocar de cabeça encobrando o goleiro, Casillas. Golaço, jogo vai para o intervalo empatado em 1 a 1.

A expectativa para o segundo tempo aumentou, e eu continuava esperando domínio da Espanha, com a Holanda tentando na bola parada. Logo aos 7 minutos, outro lançamento de Blind, dessa vez acha Robben na grande área, ele se livra de dois marcadores e manda para o fundo da rede. Holanda 2 a 1 de virada. Para a minha surpresa e animação, pois achei que a Espanha viria para cima e colocaria emoção no jogo. Aos 17 minutos, uma falta no canto esquerdo do campo de ataque da laranja, a bola viaja toda a área e encontra do outro

lado, junto a trave o pé do zagueiro De Vrij, ele que cometeu o pênalti no primeiro tempo, consegue a redenção. Holanda na frente, 3 a 1.

Todos na transmissão já se mostravam surpresos com este resultado e com uma Holanda muito superior no segundo tempo. Com 26 minutos, bola tranquila no campo de defesa da Espanha chega aos pés do goleiro, Casillas, ele adianta demais a bola e entrega nos pés de Van Persie. Ele não perdoa, Holanda 4 a 1. Um lance que retrata bem a partida, Espanha dando bobeira em lances comuns e Holanda ligada em todas as jogadas da partida. Goleada holandesa para deixar todos abismados e viria mais ainda. Robben puxa um contra-ataque muito rápido, deixa a zaga espanhola para trás, coloca o goleiro Casillas no chão e marca um gol. 35 minutos do segundo tempo e incríveis 5 a 1 para a Holanda.

Humilhação este gol, para retratar bem o que foi o jogo. A Holanda ainda teve mais três boas chances para aumentar o massacre, mas desperdiçou todas elas. Fim de papo na Arena Fonte Nova, na reedição da final do último mundial, Holanda 5 x 1 Espanha. Meu primeiro jogo de uma Copa do Mundo está marcado para sempre na minha história e também nas lembranças de todos os mundiais. Um jogo inesquecível, fantástico, histórico. Faltam palavras para descrever esse jogo, assim para descrever o sentimento de narrar uma Copa do Mundo. E também a lição de que o narrador precisa estar preparado para tudo, inclusive para uma goelada quando espera um jogo frio e sem muita emoção.”

BRASIL X HOLANDA: NARRANDO A DERROTA – LEANDRO COLARES

“A narração de partidas de futebol pelo rádio tem, por si só, alguns elementos fundamentais a serem considerados. Muito mais que qualquer outro membro de uma equipe de esportes, o cuidado com a voz se torna essencial para o desempenho do locutor esportivo. Não que repórteres, comentaristas, apresentadores e plantonistas não precisem zelar por suas cordas vocais, mas no caso do narrador isso atinge patamar diferenciado.

Talvez essa seja justamente a maior dificuldade em conduzir jogos de uma Copa do Mundo. Por um ser torneio de curta duração e altíssima intensidade – tanto na quantidade quanto no ritmo das partidas – a tarefa torna-se desafiadora. Não é nada fácil narrar jogos por quatro, cinco ou mais dias consecutivos. Mais difícil ainda é dosar as energias para que não haja problemas durante a maratona que é um Mundial de futebol.

Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta também que a Copa do Mundo ajuda muito o narrador a ganhar ritmo. Como em muitas coisas na vida, narrar é repetir, treinar.

Quanto mais vezes fizer, melhor a pessoa irá se sair. Neste sentido, o Mundial foi importantíssimo para mim. Sinto-me muito mais seguro hoje para desempenhar a função, justamente em função disso, mesmo que tenha percebido claramente o cansaço nas fases mais agudas da competição.

Outro fator interessante a ser considerado na narração de uma Copa do Mundo é a sempre importante presença da Seleção Brasileira. Tive a oportunidade de narrar uma partida que, em teoria, não valia muita coisa. Na prática, porém, a disputa do terceiro lugar acabou dando ainda mais argumentos para os críticos disparassem contra o time comandado por Luiz Felipe Scolari, que havia perdido da Alemanha, por inacreditáveis 7 a 1, quatro dias antes.

Lembro-me que cheguei a classificar a disputa do terceiro lugar como “o jogo da honra”. Isso, claro, antes de a bola rolar. Como a Holanda abriu o placar com menos de três minutos do primeiro tempo, o desafio passou ser colocar a quantidade certa de indignação e equilíbrio para não exagerar no tom. Não foi nada fácil.

Ouvinte de transmissão esportiva gosta de emoção. Portanto, decidi parar de “calcular” exatamente como faria para repassar mais um momento triste da Seleção Brasileira na Copa e comecei a me deixar levar pelo que eu mesmo sentia no momento. Funcionou melhor.

E funcionou melhor porque é óbvio. Quanto mais genuíno o sentimento que o locutor passa, maiores as chances de identificação com o público. Quando Blind fez o segundo gol holandês, meu sentimento, como amante do futebol brasileiro, era de revolta e chateação total. Difícil transmitir isso ao torcedor sem exagerar.

Confesso que tive de me conter em alguns momentos. Mas, no fim, acho que o saldo foi positivo. Um bom exemplo de jogo que não é fácil de conduzir. Ao menos, o trabalho na hora das narrações dos gols foi bem menor. Já que não fazia sentido vibrar por três tentos holandeses contra o Brasil, pelo menos não gastei muita saliva para os gritos de gol.

Alternando bons e maus momentos durante o torneio, tive um jogo que a princípio me parecia mais uma pelada, um típico empate truncado, Suíça x Equador. Nem tudo que parece é! Com tempos distintos, foi uma partida bastante movimentada. Domínio equatoriano na primeira etapa, resultando com uma vitória parcial por 1x0, gol de Enner Valencia. Mas o matreiro técnico da Suíça, Ottmar Hitzfeld, tratou de reverter essa parada e mandou a campo os homens certos. Com as mudanças sua equipe partiu para cima do Equador, acuado durante toda segunda parte. Mehmedi empatou e quando parecia não

haver mais tempo, Seferovic botou a Suíça na frente, levantando todo estádio Mané Garrincha, em Brasília. Uma brilhante atuação da equipe européia, com um valente Equador segurando o placar, mas que não contava com as estrelas de Ottmar e do atacante Seferovic. Essa sem dúvida foi minha narração mais segura de toda a Copa. Após o jogo, recebi diversos elogios, relacionados a emoção que transmiti e a tal segurança já mencionada. Não esperava, mas acho que fui contagiado pelo jogo, que foi fantástico.

Uma outra partida que também considerei muito marcante, foi a de Bélgica x EUA, pelas oitavas de final. De um lado os jovens belgas com potencial de surpreender o mundo, de outro, os norte americanos com um goleiro que vinha fazendo um grande Mundial, Tim Howard. Foi um jogo cansativo não só para os jogadores, que após os noventa minutos de 0x0, tiveram que jogar mais meia hora de prorrogação para o desempate, mas também para mim que tive que narrar essa partida eletrizante, recheada de lances agudos, principalmente por parte dos belgas, que não contavam com uma muralha americana do lado oposto, Howard. Foi um duelo marcado pela grande emoção. Depois de tanto martelar a Bélgica abriu dois gols de vantagem em plena prorrogação, ainda no primeiro tempo. Mas o que parecia uma vitória já decretada virou um jogo de bola, pois logo aos dois minutos de segunda etapa, os EUA diminuíram e se mandaram ao ataque. Estava esgotado, assim como os atletas em campo, mas não podia deixar transparecer e muito menos não transmitir tamanha emoção que acontecia naquele momento. Foi difícil, após o jogo fiquei sem voz, mas foi muito gratificante, pois de meu máximo na tentativa de levar ao ouvinte aquilo que eu via e sentia. Por fim, a Bélgica segurou o 2x1 e classificou-se para as quartas e eu me senti extremamente orgulhoso em ter feito aquela partida espetacular.

Essa Copa foi importante em muitos aspectos para diversas pessoas do mundo e para mim não foi diferente, pois nela pude perceber que nada é impossível, basta dedicação para alcançar seus objetivos. No futuro poderei dizer aos meus filhos ou netos que fiz parte da Copa das Copas e, nela aprendi a fazer e gostar ainda mais de uma nova função, a locução esportiva em rádio, quem sem duvida não há melhor.”

Considerações finais

Trabalhar com a formação de novos profissionais de comunicação interessados no rádio é um desafio, ainda mais quando se trabalha em sala de aula com alunos que pertencem a uma geração da imagem e da internet. Os desafios postos aos estudantes da Facom/UFJF foram marcantes por ter sido uma disputa onde um dos maiores instrumentos

da comunicação radiofônica se dão, o imprevisto. O relato dos narradores que participaram da cobertura reflete o encantamento que o veículo desperta em todos os que se envolvem neste projeto e também a forma como foram testados a relatar uma partida de futebol cheia de alternativas, repleta de situações inusitadas.

A força do rádio permanece mesmo diante de tantas tecnologias e ela se materializa, fundamentalmente na dinâmica vivida pela narrativa. O jeito de se transmitir futebol, que desperta tanto interesse de outros povos e que é bem caracterizado no rádio brasileiro, faz com que ainda nesta copa se tenha tido espaço para esse veículo provocar as reações antigas de se tirar o áudio da tv e optar pela escuta do jogo com a emoção dos narradores de rádio.

A contribuição do projeto e seu compartilhamento junto a outros espaços acadêmicos tenta mostrar que é viável e interessante trabalhar com o rádio com futuros profissionais, buscando uma renovação do próprio veículo, assegurando o espaço em outro campo da informação, reunindo informação e emoção. Missão cumprida.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Flávio. *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: Senac, 2001.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. Editora Contexto, São Paulo, 2003.

COSTA, Márcia Regina (et al). *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

ECO/UFRJ. *A (re)invenção do nacional no futebol espetáculo*. Revista da Pós-Eco. Volume 5. número 1. Rio de Janeiro, 2002.

MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 1999.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*. História da Imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SOARES, Edileuza. *A Bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor.** Tese de doutorado apresentada ao PPGCOM-ECO – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.